

**FAGUNDES VARELA****Cântico do calvário**

À Memória de Meu Filho, morto a 11 de Dezembro de 1863.

Eras na vida a pomba predileta  
Que sobre um mar de angústias conduzia  
O ramo da esperança. — Eras a estrela  
Que entre as névoas do inverno cintilava  
Apontando o caminho ao pegureiro.  
Eras a messe de um dourado estio.  
Eras o idílio de um amor sublime.  
Eras a glória, — a inspiração, — a pátria,  
O porvir de teu pai! — Ah! no entanto,  
Pomba, — varou-te a flecha do destino!  
Astro, — engoliu-te o temporal do norte!  
Teto, caíste! — Crença, já não vives!

Correi, correi, oh! lágrimas saudosas,  
Legado acerbo da ventura extinta,  
Dúbios archotes que a tremer clareiam  
A lousa fria de um sonhar que é morto!  
Correi! Um dia vos verei mais belas  
Que os diamantes de Ofir e de Golconda  
Fulgurar na coroa de martírios  
Que me circunda a fronte cismadora!  
São mortos para mim da noite os fachos,  
Mas Deus vos faz brilhar, lágrimas santas,  
E à vossa luz caminharei nos ermos!  
Estrelas do sofrer, — gotas de mágoa,  
Brando orvalho do céu! — Sede benditas!  
Oh! filho de minh'alma! Última rosa  
Que neste solo ingrato vicejava!  
Minha esperança amargamente doce!  
Quando as garças vierem do ocidente  
Buscando um novo clima onde pousarem,  
Não mais te embalarei sobre os joelhos,  
Nem de teus olhos no cerúleo brilho  
Acharei um consolo a meus tormentos!  
Não mais invocarei a musa errante  
Nesses retiros onde cada folha  
Era um polido espelho de esmeralda  
Que refletia os fugitivos quadros  
Dos suspirados tempos que se foram!  
Não mais perdido em vaporosas cismas

Escutarei ao pôr do sol, nas serras,  
Vibrar a trompa sonora e leda  
Do caçador que aos lares se recolhe!

Não mais! A areia tem corrido, e o livro  
De minha infanda história está completo!  
Pouco tenho de ancian! Um passo ainda  
E o fruto de meus dias, negro, podre,  
Do galho eivado rolará por terra!  
Ainda um treno, e o vendaval sem freio  
Ao soprar quebrará a última fibra  
Da lira infausta que nas mãos sustento!  
Tornei-me o eco das tristezas todas  
Que entre os homens achei! O lago escuro  
Onde ao clarão dos fogos da tormenta  
Miram-se as larvas fúnebres do estrago!  
Por toda a parte em que arrastei meu manto  
Deixei um traço fundo de agonias! ...

Oh! quantas horas não gastei, sentado  
Sobre as costas bravias do Oceano,  
Esperando que a vida se esvaísse  
Como um floco de espuma, ou como o friso  
Que deixa n'água o lenho do barqueiro!  
Quantos momentos de loucura e febre  
Não consumi perdido nos desertos,  
Escutando os rumores das florestas,  
E procurando nessas vozes torvas  
Distinguir o meu cântico de morte!  
Quantas noites de angústias e delírios  
Não velei, entre as sombras espreitando  
A passagem veloz do gênio horrendo  
Que o mundo abate ao galopar infrene  
Do selvagem corcel? ... E tudo embalde!  
A vida parecia ardente e douda  
Agarrar-se a meu ser! ... E tu tão jovem,  
Tão puro ainda, ainda n'alvorada,  
Ave banhada em mares de esperança,

Rosa em botão, crisálida entre luzes,  
Foste o escolhido na tremenda ceifa!  
Ah! quando a vez primeira em meus cabelos  
Senti bater teu hálito suave;  
Quando em meus braços te cerrei, ouvindo  
Pulsar-te o coração divino ainda;  
Quando fitei teus olhos sossegados,  
Abismos de inocência e de candura,

E baixo e a medo murmurei: meu filho!  
Meu filho! frase imensa, inexplicável,  
Grata como o chorar de Madalena  
Aos pés do Redentor ... ah! pelas fibras  
Senti rugir o vento incendiado  
Desse amor infinito que eterniza  
O consórcio dos orbes que se enredam  
Dos mistérios do ser na teia augusta!  
Que prende o céu à terra e a terra aos anjos!  
Que se expande em torrentes inefáveis  
Do seio imaculado de Maria!  
Cegou-me tanta luz! Errei, fui homem!  
E de meu erro a punição cruenta  
Na mesma glória que elevou-me aos astros,  
Chorando aos pés da cruz, hoje padeço!

O som da orquestra, o retumbar dos bronzes,  
A voz mentida de rafeiros bardos,  
Torpe alegria que circunda os berços  
Quando a opulência doura-lhes as bordas,  
Não te saudaram ao sorrir primeiro,  
Clícia mimosa rebentada à sombra!  
Mas ah! se pompas, esplendor faltaram-te,  
Tiveste mais que os príncipes da terra!  
Templos, altares de afeição sem termos!  
Mundos de sentimento e de magia!  
Cantos ditados pelo próprio Deus!  
Oh! quantos reis que a humanidade aviltam,  
E o gênio esmagam dos soberbos tronos,  
Trocariam a púrpura romana  
Por um verso, uma nota, um som apenas  
Dos fecundos poemas que inspiraste!

Que belos sonhos! Que ilusões benditas!  
Do cantor infeliz lançaste à vida,  
Arco-íris de amor! Luz da aliança,  
Calma e fulgente em meio da tormenta!  
Do exílio escuro a cítara chorosa  
Surgiu de novo e às virações errantes  
Lançou dilúvios de harmonias! — O gozo  
Ao pranto sucedeu. As férreas horas  
Em desejos alados se mudaram.  
Noites fugiam, madrugada vinham,  
Mas sepultado num prazer profundo  
Não te deixava o berço descuidoso,  
Nem de teu rosto meu olhar tirava,  
Nem de outros sonhos que dos teus vivia!

Como eras lindo! Nas rosadas faces  
Tinhas ainda o tépido vestígio  
Dos beijos divinais, — nos olhos langues  
Brilhava o brando raio que acendera  
A bênção do Senhor quando o deixaste!  
Sobre o teu corpo a chusma dos anjinhos,  
Filhos do éter e da luz, voavam,  
Riam-se alegres, das caçoilas níveas  
Celeste aroma te vertendo ao corpo!  
E eu dizia comigo: — teu destino  
Será mais belo que o cantar das fadas  
Que dançam no arrebol, — mais triunfante  
Que o sol nascente derribando ao nada  
Muralhas de negrume! ... Irás tão alto  
Como o pássaro-rei do Novo Mundo!

Ai! doudo sonho! ... Uma estação passou-se,  
E tantas glórias, tão risonhos planos  
Desfizeram-se em pó! O gênio escuro  
Abrasou com seu facho ensanguentado  
Meus soberbos castelos. A desgraça  
Sentou-se em meu solar, e a soberana  
Dos sinistros impérios de além-mundo  
Com seu dedo real selou-te a fronte!  
Inda te vejo pelas noites minhas,  
Em meus dias sem luz vejo-te ainda,  
Creio-te vivo, e morto te pranteio! ...

Ouçó o tanger monótono dos sinos,  
E cada vibração contar parece  
As ilusões que murcham-se contigo!  
Escuto em meio de confusas vozes,  
Cheias de frases pueris, estultas,  
O linho mortuário que retalham  
Para envolver teu corpo! Vejo esparsas  
Saudades e perpétuas, — sinto o aroma  
Do incenso das igrejas, — ouço os cantos  
Dos ministros de Deus que me repetem  
Que não és mais da terra!... E choro embalde.

Mas não! Tu dormes no infinito seio  
Do Criador dos seres! Tu me falas  
Na voz dos ventos, no chorar das aves,  
Talvez das ondas no respiro flébil!  
Tu me contemplas lá do céu, quem sabe,  
No vulto solitário de uma estrela,

E são teus raios que meu estro aquecem!  
Pois bem! Mostra-me as voltas do caminho!  
Brilha e fulgura no azulado manto,  
Mas não te arrojes, lágrima da noite,  
Nas ondas nebulosas do ocidente!  
Brilha e fulgura! Quando a morte fria  
Sobre mim sacudir o pó das asas,  
Escada de Jacó serão teus raios  
Por onde asinha subirá minh'alma.

**O escravo**

Ao Sr. Tomaz de Aquino Borges

Dorme! Bendito o arcanjo tenebroso  
cujo dedo imortal  
gravou-te sobre a testa bronzeada  
o sigilo fatal!  
Dorme! Se a terra devorou sedenta  
de teu rosto o suor,  
mãe compassiva agora te agasalha  
com zelo e com amor.

Ninguém te disse o adeus da despedida,  
ninguém por ti chorou!  
Embora! A humanidade em teu sudário  
os olhos enxugou!  
A verdade luziu por um momento  
de teus irmãos à grei:  
Se vivo foste escravo, és morto... livre  
pela suprema lei!

Tu suspiraste como o hebreu cativo  
saudoso do Jordão,  
pesado achaste o ferro da revolta,  
não o quiseste, não!  
Lançaste-o sobre a terra inconsciente

de teu próprio poder!  
Contra o direito, contra a natureza,  
preferiste morrer!

Do augusto condenado as leis são santas,  
são leis porém de amor:

Por amor de ti mesmo e dos mais homens  
preciso era o valor...

Não o tiveste! Os ferros e os açoites  
mataram-te a razão!

Dobrado cativo! A teus algozes  
dobrada punição!

Por que nos teus momentos de suplício,  
de agonia e de dor,  
não chamaste das terras africanas  
o vento assolador?

Ele traria a força e a persistência  
à tu'alma sem fé,  
nos rugidos dos tigres de Benguela,  
dos leões de Guiné!...

Ele traria o fogo dos desertos,  
o sol dos areais,  
a voz de teus irmãos viril e forte,  
o brado de teus pais!

Ele te sopraria às moles fibras  
a raiva do suão  
quando agitando as crinas inflamadas  
fustiga a solidão!

Então ergueras resoluto a fronte,  
e, grande em teu valor,  
mostraras que em teu seio inda vibrava  
a voz do Criador!

Mostraras que das sombras do martírio

também rebenta a luz!  
Oh! teus grilhões seriam tão sublimes,  
tão santos como a cruz!

Mas morreste sem lutas, sem protestos,  
sem um grito sequer!  
Como a ovelha no altar, como a criança  
no ventre da mulher!  
Morreste sem mostrar que tinhas nalma  
uma chispa do céu!  
Como se um crime sobre ti pesasse!  
Como se foras réu!

Sem defesa, sem preces, sem lamentos,  
sem círios, sem caixão,  
passaste da senzala ao cemitério!  
Do lixo à podridão!  
tua essência imortal onde é que estava?  
Onde as leis do Senhor?  
Digam-no o tronco, o látigo, as algemas  
e as ordens do feitor!

Digam-no as ambições desenfreadas,  
a cobiça fatal,  
que a eternidade arvoram nos limites  
de um círculo mortal!  
Digam-no o luxo, as pompas e grandezas,  
lacaio e brasões,  
tesouros sobre o sangue amontoados,  
paços sobre vulcões!

Digam-no as almas vis das prostitutas,  
o lodo e o cetim,  
o demônio do jogo, a febre acesa  
em ondas de rubim!...  
E no entanto tinhas um destino,

uma vida, um porvir,  
um quinhão de prazeres e venturas  
sobre a terra a fruir!

Eras o mesmo ser, a mesma essência  
que teu bárbaro algoz;  
foram seus dias de rosada seda,  
os teus de atro retroz!...  
Pátria, família, ideias, esperanças,  
crenças, religião,  
tudo matou-te, em flor no íntimo d'alma,  
o dedo da opressão!

Tudo, tudo abateu sem dó, nem pena!  
Tudo, tudo, meu Deus!  
E teu olhar à lama condenado  
esqueceu-se dos céus!...  
Dorme! Bendito o arcanjo tenebroso  
cuja cifra imortal,  
selando-te o sepulcro, abriu-te os olhos  
à luz universal!

**A flor do maracujá**

Pelas rosas, pelos lírios,  
pelas abelhas, sinhá,  
pelas notas mais chorosas  
do canto do sabiá,  
pelo cálice de angústias  
da flor do maracujá!

Pelo jasmim, pelo goivo,  
pelo agreste manacá,  
pelas gotas de sereno  
nas folhas do gravatá,  
pela coroa de espinhos  
da flor do maracujá!

Pelas tranças de mãe-d'água  
que junto da fonte está,  
pelos colibris que brincam  
nas alvas plumas do ubá,  
pelos cravos desenhados  
da flor do maracujá!

Pelas azuis borboletas  
que descem do Panamá,  
pelos tesouros ocultos  
nas minas do Sincorá,  
pelas chagas roxeadas  
da flor do maracujá!

Pelo mar, pelo deserto,  
pelas montanhas, sinhá!  
Pelas florestas imensas,  
que falam de Jeová!  
Pela lança ensanguentada  
da flor do maracujá!

Por tudo o que o céu revela,  
por tudo o que a terra dá  
eu te juro que minh'alma  
de tua alma escrava está!...  
Guarda contigo este emblema  
da flor do maracujá!

Não se enojem teus ouvidos  
de tantas rimas em -á-  
mas ouve meus juramentos,  
meus cantos, ouve, sinhá!  
Te peço pelos mistérios  
da flor do maracujá!

---

Leia:

DOUGLAS E O LIVRO DE LUZ!

Você vai se surpreender!